

► POR CRISTIANO BASTOS

TESTEMUNHA OCULAR DO ROCK

Vladimir Carvalho faz filme com entrevistas e cenas inéditas das maiores bandas brasileiras



Ele aparenta ser, pelo menos, 20 anos mais novo. Os olhos de Vladimir Carvalho, de 75 anos, brilham quando fala de sua nova aventura, o longa-metragem *Rock Brasília – Ninguém Segura a Utopia* (80 minutos), ainda em fase de produção. O documentário, que vai estreiar na 43ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em novembro, captura o explosivo momento em que três das fundamentais bandas “candangas” despontaram: Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial, das quais o documentarista guarda íntimo e valioso arquivo.

O que provavelmente mais vai empolgar os fãs das três representantes do rock brasiliense será o material inédito que ele guarda como uma preciosidade. “São oito horas de imagens nunca antes exibidas”, diz o diretor. “O filme será um documento para a posteridade dos 50 anos de Brasília.” Tudo começou em 1988, quando Vladimir, à época professor da Universidade de Brasília (UnB), ficou surpreso com a “febre rock” que assolava a juventude da cidade. Teve, então, a ideia de filmar a cena roqueira do Distrito Federal. Uma das raridades é o registro do tumultuado show da Legião Urbana no Estádio Mané Garrincha, em junho do mesmo ano. O espetáculo terminou com uma grande confusão, depois que Renato Russo e a plateia se estranharam. Saldo: 60 detidos e mais de 200 feridos. Vladimir Carvalho estava lá, e a entrevista que fez com o líder da banda antes da apresentação também fará parte do filme.

Radicado em Brasília há mais de 40 anos e prestes a completar outros 50 dedicados ao cinema, o documentarista paraibano já dirigiu mais de 20 obras. Entre elas a recente *O Engenho de Zé Lins* (2007), sobre a vida do escritor carioca José Lins do Rego, e o premiado *O País de São Saruê* (1961), retrato do trabalho árduo de garimpeiros e lavradores nordestinos. A paixão pelo cinema parece vir do berço. Seu irmão mais novo, Walter, é um conhecido realizador e também um fã do rock-and-roll. Ele, que dirigiu a cinebiografia de Cazuza, atualmente finaliza *O Início, o Fim e o Meio*, completo documentário sobre o astro Raul Seixas com estreia prevista para agosto.

Numa típica manhã ensolarada de Brasília, o cineasta, que também é jornalista e formou toda uma geração como professor de cinema na UnB, recebeu a revista ParkShopping numa de suas criações, a Cinememória – cinemateca em que preserva para futuras gerações filmes produzidos em Brasília e sobre a cidade. Foi nesse refúgio, situado na W3 Sul, que Vladimir revelou curiosidades como os nomes de quem inspirou a clássica “Eduardo e Mônica” e disse que o rock é a mais bem-sucedida manifestação cultural de Brasília.



Vladimir Carvalho na Cinememória: cenas inéditas do rock brasileiro prometem empolgar fãs do Capital Inicial, da Legião Urbana e da Plebe Rude

Em que ponto da história o rock se incorpora à cultura de Brasília?

Vladimir Carvalho – Logo após ser inaugurada, Brasília era um amplo canteiro no qual seriam lançadas as sementes de uma nova identidade. Nos tempos do regime militar, não se queria por aqui nem estudantes fazendo baderna nem operários fazendo greve, como denunciava o professor Darcy Ribeiro. Com a UnB, vieram o cinema de Nelson Pereira dos Santos, as artes plásticas de Athos Bulcão, a música erudita sob a batuta de Cláudio Santoro. Por outro lado, o samba, arte do “povão”, ficou por conta da presença de modestos servidores dos ministérios. São acontecimentos culturais que tiveram relação com o que ocorreu cerca de 20 anos depois, no apagar das luzes da ditadura, quando apareceu o rock.

Como serão mostrados no filme os universitários, muitos dos quais músic

cos, da Turma da Colina, que moravam nos prédios-dormitórios da UnB?

Há 22 anos havia uma multidão de bandas na cidade, mais de 200. Não se sabe, porém, onde nem como viabilizavam espaços para tantos shows ou mesmo se havia público para tal. É dessa leva que surge o “trovador solitário” Renato Manfredini Júnior, o Renato Russo. Também vamos trazer outros personagens importantes, como Phillipe Seabra, da Plebe Rude, e Dinho Ouro Preto, do Capital Inicial. Todos foram flagrados em momentos decisivos da carreira. Eles também frequentavam a célebre Turma da Colina.

Qual é o período abrangido pelo documentário?

Vai desde quando, ainda adolescentes, esses jovens se descobriram apaixonados pelo rock-and-roll e, entre erros e acertos, criaram as próprias bandas. Dos anos 1980, quando o rock estourou no Brasil, o filme chega a nossos dias, e, após experiências muitas vezes atribuladas, eles conhecem a fama. Muitos desses jovens se tornaram ídolos do rock nacional, como Renato Russo. Ele, aliás, está presente em toda a narrativa, uma vez que é tido por muitos como o maior poeta de sua geração.

Rock Brasília também foi em busca das histórias e pessoas por trás da canção “Eduardo e Mônica”. O que você encontrou?

“Eduardo e Mônica”, a canção, baseia-se em três Eduardos e três Mônicas diferentes. Renato tinha bloquinhos nos quais anotava tudo para depois editar o melhor de cada pessoa que conhecia. Ele revelou o artista circense Marcelo Behr, um dos Eduardos, que me contou que sempre que Renato via um casal ficava feliz. Alguns traços da personalidade de Behr estão em estrofes da música, como “e ele jogava futebol de botão com seu avô”. O camelinho citado na



Cena de arquivo com Herbert Vianna, Carvalho com Caetano Veloso, na plateia de um show e entrevistando Renato Russo

canção, na verdade, é a bicicleta que ainda hoje Behr pedala no Parque da Cidade. E uma das Mônicas é a artista plástica Leo Coimbra, que foi amiga íntima de Renato. Leo, como diz a letra, porém, nunca estudou medicina. Mas, por causa de suas vaciladas no manuseio dos pincéis, sempre estava “com tinta nos cabelos”. Pretendemos ir a Portugal, onde ela mora, para filmar seu depoimento.

Que importância esse documentário terá em sua obra?

Rock Brasília realmente me mobiliza muito. Será muito importante para minha cinematografia. Estou no meio dessa jornada. E o filme vai dialogar muito com o contexto atual, já que muitos personagens permaneceram na mídia. Também será uma “conversa de memória”, juntando vários “pedacinhos” da história.

Por que você decidiu contar essa história?

Fora a força musical, o que mais me mobilizou foi a expressão que o rock brasileiro alcançou no cenário brasileiro. Interessa-me mostrar e narrar como o rock se identificou com a cidade. Essa foi a primeira geração brasileira que se expressou dentro da uma peculiaridade própria.

No início, o que havia musicalmente?

Tinha a Universidade de Brasília (UnB), importantíssima. A UnB, porém, por questões didáticas e pedagógicas, trouxe a música erudita a cidade, inclusive um de seus maiores representantes, o maestro Cláudio Santoro.

Quais outras culturas desembarcaram na Capital Federal há 50 anos?

Os velhos funcionários vindos dos ministérios no Rio de Janeiro trouxeram a nostalgia do samba e do Carnaval e, quem sabe, até do futebol. Quando surgiu a primeira geração nascida em Brasília, ela foi altamente influenciada, para o bem ou para o mal, pela relação da cidade com o poder. Mas a insubmissão juvenil se projetou por meio da formação musical, que era o rock. Foi o rock que fez Brasília extrapolar suas curtas fronteiras.

Por conta disso o rock é chamado de “música tradicional” de Brasília?

O rock é uma manifestação legítima da cidade. Contudo, aqui também tem o samba carioca e o frevo, por exemplo, que chegou com as famílias vindas de Pernambuco. Mas o rock sobressai. Uma banda como Os Paralamas do Sucesso não é, exatamente, brasiliense, mas eles moraram aqui e vivenciaram o contexto. Não é à toa que Herbert Vianna tornou-se uma espécie de “introdutor”. Herbert fez a ponte para Legião, Capital e Plebe ir para o Rio de Janeiro, onde foram admitidos pelas grandes gravadoras.

Como o filme será montado?

Trabalho muito no sentido de não criar uma narração preestabelecida. O assunto fala por si. O discurso é a montagem dos personagens e dos acontecimentos. Boa parte do filme será costurada com música, videoclipes e imagens de arquivo. No Brasil, a memória perde-se muito facilmente. Escolha-se pelo ralo.

Rock Brasília vai fechar sua trilogia sobre a cidade?

Talvez forme uma trilogia que se ocupa e foca Brasília, a exemplo do filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, que é sobre a construção da capital pela ótica daqueles que ergueram a cidade, que levantaram as paredes e cavaram os alicerces. Pessoas de todas as partes do Brasil, especialmente do Nordeste, vieram para cá. Quando entrei para a UnB, na década de 1970, me colocaram nas mãos um rolo de filme de 5 minutos. Mostrava um pouco da invasão da universidade, ocorrida em 1968, ano do AI-5 e do Maio de 1968 francês. A partir dessa pequena célula, fiz o longa *Barra 68 – Sem Perder a Ternura*, que traz o testemunho de Darcy Ribeiro, fundador da UnB, exilado por conta da repressão. Na época, Darcy era chefe da Casa Civil do presidente Jango e precisou sair do país.

O filme vai jogar luz sobre esse importante capítulo musical de Brasília?

Acho que sim. Ainda adolescentes, esses jovens enfrentavam um vazio cultural. A falta de opções de lazer os inquietava sob os pilotis de suas quadras, como na canção do Renato: *Sentado embaixo do bloco/sem ter o que fazer/olhando as meninas que passam*. E eles puseram em marcha seu “ensaio de utopia”. O rock-and-roll brasileiro ganhou por aqui sua mais extraordinária visibilidade: é o produto mais bem-sucedido de toda a cultura brasiliense. *Rock Brasília* será um documento para a posteridade.

